

Escola de Bellas Artes de Pernambuco

Damos abaixo, na integra, o discurso que pronunciou sabbado ultimo, na Escola de Bellas Artes de Pernambuco, o dr. Adalberto Marroquim por occasião da inauguração da mesma Escola:

"Sr. Representante do Interventor Federal, Minhas Senhoras, Meus senhores:

Honrosa delegação de illustres e generosos companheiros, impôs-me o dever, gratissimo dever, de dirigir-vos a palavra nesta solennidade com que se inaugura a ESCOLA DE BELLAS ARTES DE PERNAMBUCO.

Tanto mais grata me é esta tarefa quanto, velho exilado do Parnaso, fóra pois, da convivência amavel das Musas, jamais suppoz que me revivessem as illusões fenecidas nos rijos embates das realidades.

E' que mais envelhece o soffrimento que o peso dos annos, e o caminho que tenho percorrido, por difficil e escarpado, apagou a chama de fé que incendia as minhas horas de sonho e de gloria.

Vejo, porem, com satisfação, sintto-o e digo com sinceridade, que a fé e a esperança são sentimentos contagiosos: adormecem no fundo do nosso ser, num grande sonho letargico, especie de morte integral, para despertarem vivos e vigosos, em maravilhosa resurreição, em milagroso rebento de primavera, ao magico contacto dos enthusiasmos alheios.

E foi a fé pura, a candida esperança, de meus companheiros de jornada que evocaram á luz da vida reacendendo-lhes a scintilha que eu julgava extinta, as minhas illusões sem remedio.

Aqui estou eu pois, ainda sem saber como, tanto do impulso que me projectou ao lugar donde vos falo, para trazer-vos a nova que ha de encher de orgulho o coração pernambucano.

Se ha trinta annos passados, no velho Recife ronceiro e pacato, a arrastar mollemente a sua vida provinciana e burgueza, entre os ruidos de ferro e apitos estridentes dos trens de Olinda e Caxangá, e os badeziños puxados a burros da "Trilhos Urbanos", ou entre um vago espectáculo lirico no "Santa Izabel" e um sarau dançante do "Internacional" ou da "Juventude", ou nos ruidosos passatempos das festas de igreja, ou nos pastoris do Erotides, ou nos entrudos de bisnagas; se ha trinta annos atrás me viessem falar duma Escola de Bellas Artes neste pedaço do Brasil, o meu unico commentario teria sido, talvez, uma boa pilheria academica, alegre, moça e irreverente.

Porque naquelle tempo (e isto foi hontem) naquelles bons tempos em que um que outro "dilettante" atirava a um pedaço de tela uma pinzelada modesta e anonyma, em que a summidade de expressão esthetica se resumia numa chronica de jornal parnasianamente marmorea, ou num soneto de rimas terças, com censura na sexta á moda alexandrina, ou num inflamado discurso academico a actrizes itinerantes; naquelles tempos em que Telles Junior foi apenas entrevistado e de Carneiro Villela ficou tão somente a memoria dos romances, cujas edições precarias amarelleciam á falta de leitores, e Mauricéa e Vera Cruz não foram sequer percebidos; naquelles tempos em que a cidade Mauricéa se deixa-

va inocular o germen nocivo dessa architectura de confeitaria siciliana, que em palestra a fachada das cavernas enfeitadas que são os nossos casarões de tres e quatro andares; naquelles tempos, senhores, que cabega se atreveria a conceber a instituição que tenho a honra de apresentar-vos victoriosa?

Seria um grito no vacuo. O Recife não tinha ambiente, o Recife não tem ainda ambiente; mas, na inquietação geral da hora que passa, descarga nervosa que abala o arcabouço social do mundo, sentimos a alma vasia porque nos falta o sedimento espirital e queremos criar, tirar do Nada o alimento que havemos de levar ao povo, a idéa suprema da Bellesa, unica força capaz de, por si só, na sua immortal serenidade, aplacar os instinctos revoltos.

Não temos ambiente porque nunca ninguém se preocupou de criar as condições em que as artes plasticas se pudessem gerar e desenvolver nesta paragem. A' vista do povo apparecem tão somente os poucos templos que nos legaram os portuguezes, o que, em summa, nada representa como lição, exemplo, estímulo ás gerações presentes e futuras.

Onde os nossos museus? Onde as nossas pinacotecas? Onde os nossos colleccionadores de arte? Como seria possivel educar os nossos patricios, abrir-lhes o sagrado velario da Belleza, si nada temos e nada fizemos por o ter?

A intelligente e ousada tentativa do "Circulo de BELLAS ARTES", annos atrás, enlangueceu, morreu como uma planta de estufa, porque aos seus animadores gelou a indifference do ambiente. E, estou em crer, meus senhores, taes razões me assistem, não fóra o accidente politico que transferiu a metropole portugueza para o Brasil, teriamos retardado a fundação da "Escola Nacional de Bellas Artes", sabe Deus até quando.

Bem sei que as ecclesias são creações relativamente modernas. Não as tiveram certamente os caçadores de renas, nem os caldeus, nem os egypcios, nem os gregos, nem os romanos, nenhum povo, em summa, donde emanaram as obras primas, motivo de admiração e prumo de toda a Humanidade.

Bem sei que as maravilhas da Renascença não se fundiram no cadinho desta organizações didaticas, taes como existiram e existem.

Não foram fructos de Academias a angustia mortal do desgraçado Laocoonte, a serenidade olympica do Apollo de Belvedere, as formas perfectas dessa Aphrodite de Anadiodeme, as solennes columnatas do Parthenon, a gravidade architectonica dos monumentos romanos, e as audacias das agulha goticas, projecção da alma para o ceu, no dizer expressivo para o ceu, no dizer expressivo de Salomão Reinach, não foram fructos de Escolas os Donatelos e Botticellis, Ticianos, Leonardos, Rafaéis e Miguelangelos, e tantos outros que embellezaram com o seu genio a face aspera do Mundo; tudo isso é bem verdade, mas em falar no desenvolvimento da Arte no Occidente Europeu, onde foi decisiva a influencia dos modelos gregos, é certo que o ambiente exerceu papel preponderante na criação de todas as obras de arte.

Assa
as S L

(Continúa)